■ Continuação da 1ª página

JB - Edição 22-3

Relatório mostra co

A relação dos presos da Guerrilha do Araguaia começa com Dower Cavalcanti, codinome *Domingos*, sobrevivente da prisão, atualmente morando em Fortaleza, e Dagoberto Alves da Costa. A lista oficial de guerrilheiros mortos cita Idalício Soares Aranha Filho, *Aparício*, e Maria Lúcia Petit da Silva, *Maria*.

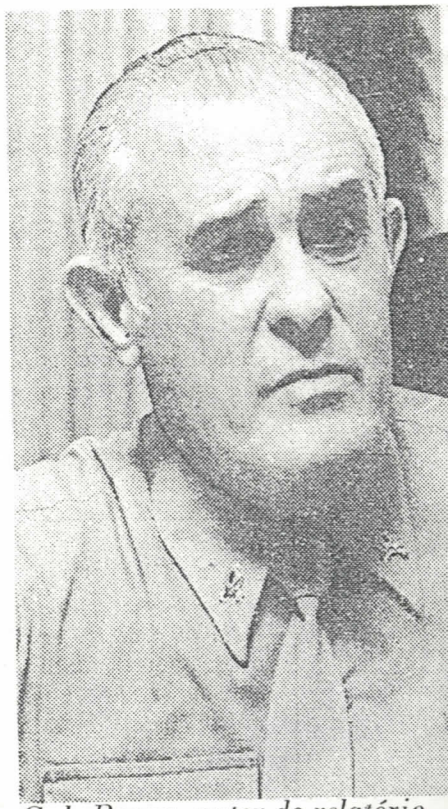
Toda a ação dos militares foi realizada secretamente sem que a imprensa, sob censura, pudesse noticiar nada sobre a guerrilha, que se prolongou por dois anos nas matas do sul do Pará e norte de Goiás. O governo nunca reconheceu oficialmente a realização dessa operação, mesmo depois da redemocratização do país.

O ministro do Exército, general Carlos Tinoco, disse há duas semanas ao deputado Nilmário Miranda (PT-MG), da comissão da Câmara que investiga os desaparecidos durante o regime militar, que não poderia ajudar na localização dos guerrilheiros porque o Araguaia havia sido uma guerra irregular, sem documentos e relatórios oficiais. O ex-deputado Sebastião Curió que à época, como capitão, combateu no Araguaia, confirma a autenticidade dos relatórios oficiais obtidos pelo JORNAL DO BRASIL: "Nem tudo foi incinerado", acredita. Ele defende a abertura dos arquivos do CIE: "É preciso contar a verdadeira história do Araguaia, caso contrário teremos apenas uma única versão, a do PC do B", preocupa-se Curió.

História oficial — O principal documento militar, em suas páginas iniciais, apresenta um relato conciso sobre a infiltração guerrilheira do PC do B na região do Araguaia — área hoje conhecida nacionalmente como *Bico do Papagaio* — e à época já recomendava ações de governo para evitar a revolta, como a implementação de uma reforma agrária de emergência, com o objetivo de angariar a simpatia das populações locais. Mostra também como as Forças Armadas conseguiram as primeiras informações que levaram o Exército a desenvolver operações anti-guerrilha na região: A prisão do estudante Pedro Albuquerque Neto no aeroporto de Fortaleza, Ceará, em 1971. Segundo o documento, Pedro Albuquerque e sua namorada, Ana Cristina, estavam sem documentos de identidade e foram detidos para averiguações por agentes da Polícia Federal.

Interrogados na sede do DPF em Fortaleza, os dois revelaram a existência de um foco guerrilheiro em implantação no Araguaia. Pedro Albuquerque, conforme o documento, confessou que escapou do Araguaia com sua namorada para fugir de uma exigência do *Regulamento Militar do PC do B*: Ana Cristina estava grávida e o comando da guerrilha determinava que abortasse. A partir dos depoimentos de Pedro Albuquerque, o Centro de Informações do Exército passou a coordenar as ações desencadeadas para aniquilar o foco guerrilheiro.

Foi organizada, então, a *Operação Axixá*, a primeira investida de combate à guerrilha, iniciada em fevereiro de 1972, segundo o Relatório Especial de Informações nº 2.12, protocolo 2.309, encaminhado pelo tenente-coronel Arnaldo Bastos de Carvalho Braga, em 20 de março de 1972, ao ministro do Exército, Orlando Geisel. O documento, que chegou às mãos do ministro-chefe do Gabinete Militar, general Hugo de Abreu e, enfim, ao presidente Emilio Médici, faz críticas à primeira ação contra a guerrilha e apresenta su-



Gal. Braga, autor do relatório

gestões de como deveriam ser programadas próximas operações.

O informe não registra as razões do frac da primeira investida, mas um militar que par pou da operação revela que o Exército chegc região usando de violência indiscriminada co a população nativa. Nessa altura, os guerrilhe cativavam a simpatia dos caboclos. Davam a dimento médico, ajudavam em mutirões e o ciam alimentos. Os guerrilheiros Ciro da Cu Brum e Paulo Roberto Pereira Matos monta uma farmácia num vilarejo chamado Pales onde davam assistência quase sempre gratuit PC do B tinha ainda como militantes To Pereira Junior e Lúcia Maria de Souza, estu tes de medicina vindos do Rio, e a enferm Luiza Felipe Garlippe, do Hospital das Clí de São Paulo, que assistiam os lavradores.

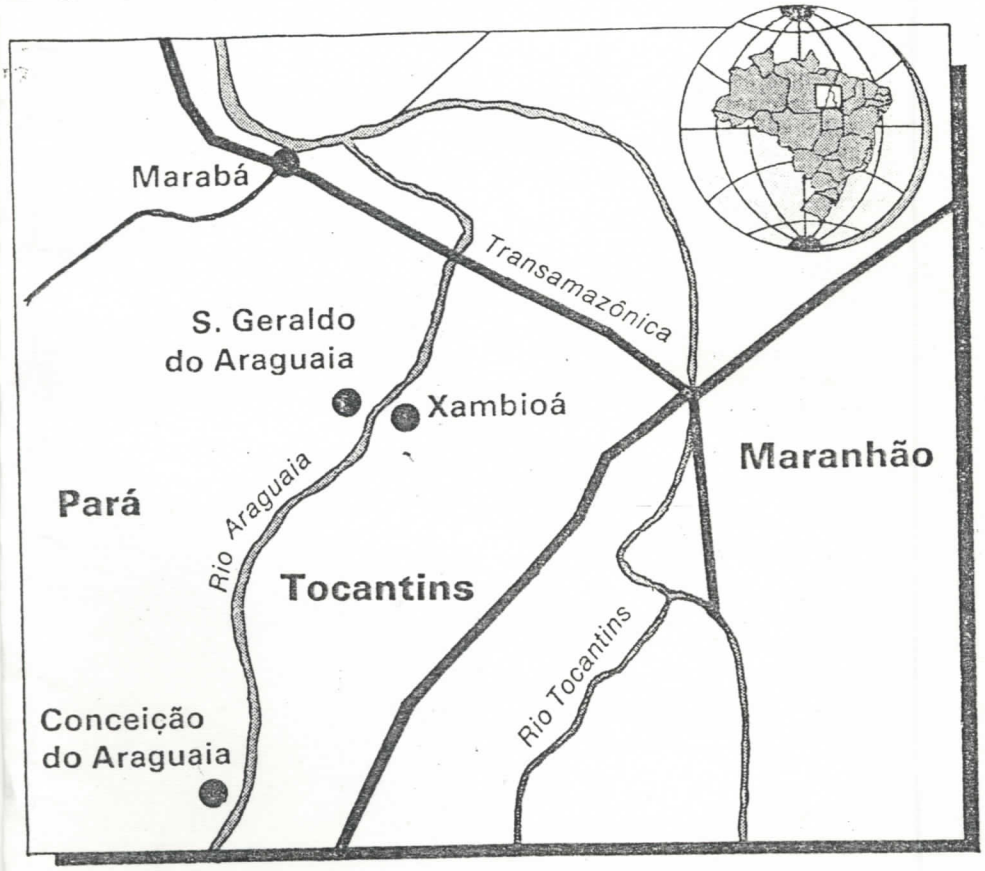
Os guerrilheiros contavam com apoio da pulação local que, na primeira operação do E cito, resistiu a colaborar na localização dos a pamentos guerrilheiros. Os militares tenta obter adesão à força, obrigando com viol que os mateiros servissem como guias. Eles vingança, enganavam os pelotões do Exé levando-os a caminhar em círculos no mei floresta por dias seguidos. A campanha res em fracasso: dezenas de soldados contrairam lária, leschimaniose, e muitos desertaram guerrilheiros registraram suas primeiras vitó

Em Brasília, diante do insucesso da pri investida militar, o general Milton Tavares, do CIE, linha dura do Exército, convenc ministro Orlando Geisel a desencadear uma ração de guerra de grande porte, batizac *Manobrão*. Os estrategistas militares deci adotar a tática da *bigorna e martelo*, ou s

Ms. 20/11
2-Pag. 19

(10)

no Exército venceu a guerrilha



grosso do efetivo cercava a região, enquanto pelotões invadiam a mata e empurravam os guerrilheiros em direção à tropa. Mas o plano não funcionou. Os chefes militares desconheciam as dimensões da área de atuação da guerrilha — maior do que a Itália. Essa tentativa obrigou as Forças Armadas a promoverem uma mobilização gigantesca de tropas.

O relatório secreto registra o envio de dois batalhões de infantaria de selva; uma companhia aero-transportada, um comando reforçado de paraquedistas, uma companhia de fuzileiros navais e "comando numerado" da Força Aérea Brasileira (FAB). A central de operações foi instalada em Xambioá, com acampamentos, pistas de pouso, caminhões de transporte de tropas e suprimentos. A pequena cidade foi ocupada pelo Exército com sua tropa de 3.200 homens e toda aparelhagem militar, ao longo de 8 meses de campanha.

A Força Aérea Brasileira enviou para a região um grande aparato bélico: Quatro helicópteros UH, três aviões C-115 (Búffalo), um C-47, quatro aviões D-19, de reconhecimento, e outros quatro aviões T-6 - caças de combate. O relatório oficial registra a realização de operações aéreas na região, mas omite o lançamento de bombas sobre supostos alvos guerrilheiros, segundo o depoimento de militares. Estes bombardeios provocaram a morte de população civil.

Na página 1037 do documento do CIE, o tenente-coronel Arnaldo Braga apresenta um quadro com os resultados obtidos no combate aos focos guerrilheiros, nos municípios de Marabá e Conceição do Araguaia, no Pará, e Xambioá, em Goiás (hoje Tocantins), às margens do rio Araguaia: O Exército contabilizava 55 guerrilheiros já identificados. Destes, 12 foram mortos, seis presos e outros 37 haviam conseguido escapar ao cerco, mas ainda estavam na região.

O documento aponta o ex-deputado federal Mauricio Grabois como chefe militar da guerrilha, superior hierárquico de três comandos distintos: o Comando A, à frente o comandante André Grabois, *Edgar*, filho de Maurício; o Comando B, dirigido pelo técnico em máquinas e motores Osvaldo da Costa, o *Osvaldão*, e o Comando C, que era liderado pelo economista Paulo Mendes Rodrigues. Os militares reconhecem no informe que a guerrilha do PC do B contava apenas com armas precárias e levanta a suspeita de que os guerrilheiros estariam à espera de armamentos da China comunista.

Guerra clandestina — O relatório encerra na página 1058, contando que, naquela data, 9 de novembro de 1972, por decisão do Estado Maior do Exército, sob a orientação do general Orlando Geisel, as tropas abandonavam as operações regulares de combate à guerrilha. Os militares, então, reconhecem que não haviam eliminado todos os focos de resistência comunista. O Alto Comando decidiu deixar em seu lugar, segundo o relatório, tropas das policias militares do Pará, Goiás e Mato Grosso sob o comando da unidade do Exército sediada em Marabá.

Na verdade, a *guerra suja*, a partir daí, deixou de ser uma ação ostensiva para se transformar em clandestina, comandada pelo CIE. O ex-deputado Sebastião Curió, com curso no Centro de Instrução de Guerra na Selva (Cigs), do Comando Militar da Amazônia, ex-lutador de boxe, foi enviado à região, com o codinome de Marco Antonio Luchini, engenheiro florestal do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), para montar uma operação de inteligência para combater os últimos focos da guerrilha do Araguaia.

Nessa fase, Curió montou uma rede de informantes em toda a região do Araguaia. Sua estratégia mais bem sucedida foi a montagem de *biroscas* para o fornecimento de alimentos e munição ao longo do rio Araguaia, onde obtinha informações dos caboclos. Mais de uma vez os agentes do CIE venderam munição sabendo que era destinada a guerrilheiros para angariar sua confiança. Assim, num trabalho lento, Curió conseguiu identificar um a um todos os acampamentos da guerrilha, que foram atacados por pelotões especialmente treinados para aquela ação. Sua operação mais destruidora ocorreu na manhã do Natal de 1973, quando surpreendeu Maurício Grabois e Paulo Mendes Rodrigues, principais chefes da guerrilha, no acampamento na Gameleira, próximo ao rio Araguaia, junto com Guilherme Lund, arquiteto, e Gilberto Olímpio, técnico industrial, genro de Grabois. Todos foram mortos.

O último comandante guerrilheiro a ser morto foi Osvaldo Orlando da Costa, o *Osvaldão*, mais temido e procurado dos militantes comunistas. Foi morto em abril de 1974. Ele topou de frente com uma patrulha do Exército. Levou o primeiro tiro de espingarda calibre 22 disparado por Mineiro, um *mateiro* - como eram conhecidos os guias recrutados pelo Exército. Caído, baleado na barriga, *Osvaldão* foi fuzilado pelos soldados. Seu corpo foi embrulhado em saco de lona e içado por um helicóptero. Segundo relato de um dos participantes da patrulha, a corda se rompeu no ar, a uma altura de 10 metros e, na queda, o corpo teve o tornozelo esquerdo fraturado. Como os outros combatentes mortos, *Osvaldão* foi enterrado em cemitério clandestino na própria região.

A operação do CIE, ao final dos combates, concluiu, em relatório enviado ao Conselho de Segurança Nacional, que a região continuava potencialmente explosiva, sujeita a novos movimentos guerrilheiros porque faltava assistência governamental à população. O documento denunciava uma estrutura fundiária injusta, dominada por latifúndios e grilagem. Insistia, também, na implementação urgente de reforma agrária. O último documento do CIE sobre a guerrilha do Araguaia, assinado pelo capitão Sebastião Rodrigues de Moura, o Curió, alertava que, 15 meses depois de encerrada a guerrilha, apesar de todas as promessas oficiais, a região continuava abandonada pelo governo. (*Etevaldo Dias* e *Ronaldo Brasiliense*)

Amanhã:
Guerrilha coloca Igreja e Governo em campos opostos